

## CIRIGÜELA

Edmilson Monteiro Lopes  
Acad. Cearense da Língua Portuguesa

À memória do Mestre insigne  
Enéas Martins de Barros.

Não raro, ao precisar alguém escrever a palavra em epígrafe, suspende a caneta indeciso: “s-e”? “s-i”? “c-e”? “c-i”? Que saibamos, apenas dois léxicos a registram: o *Dicionário Mor da Língua Portuguesa* (1.1) e o *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* (2.1). Um e outro arriscaram as formas *serigüela* e *cerigüela*. Como quem diz: É impossível que uma das duas não esteja certa... E estão ambas erradas. De plano, não poderia haver essas duas escrituras. O “c”, cedilhado ou não, alterna com “z”, jamais com “s”: fácil, faço - fazer; conducente, condução - conduzir; preço, precioso - prezar; velocidade, velocíssimo - veloz; décimo, decimal - dez; lúcido, lucerna - luz; ducentésimo - duzentos. E assim por diante. Logo, jamais poderia acontecer que uma palavra começada por “s” tivesse forma variante iniciada por “c”, em português.

Já tratamos, mais resumidamente, da etimologia e conseqüente grafia do vocábulo *cirigüela* (3.1). Voltamos ao assunto por duas razões: A primeira é que recebemos vários pedidos de cópias do nosso trabalho. Isso ocorreu após a divulgação a ele dada por Carlos Drummond de Andrade. O imortal poeta precisou escrever a palavra em estudo. Teve dúvida quanto à grafia. Não a tendo encontrado no dicionário, pediu, numa de suas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*, que, quem soubesse o informasse. O ilustre Prof. Adriano da Gama Kury, autor de gramáticas e livros outros sobre o idioma pátrio, todos de subido valor, escreveu-lhe dando notícia da nossa pesquisa e do resultado dela. Logo o poeta, em crônica publicada no mesmo jornal, edição de 7 de maio de 1983, divulgou a informação recebida.

Em nosso estudo “Modesta Contribuição para o Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras” (4.1), apresentado no II Encontro Nacional da Academia Brasileira da Língua Portuguesa, sugerimos a mesma grafia. Constatou-se na edição que se seguiu (5.1). Não dizemos que por causa da nossa sugestão, porque o verbete saiu incorreto: cirigüela, sem o trema. A falta desse diacrítico levará sem dúvida à pronúncia viciosa do vocábulo, dando-se a “gu” o valor fonético do dígrafo.

A segunda razão é que o prosseguimento da pesquisa nos trouxe novos elementos que nos parece conveniente serem divulgados.

### A PLANTA

A lição é do eminente botânico cearense Renato Braga:

“CIRIGÜELA - *Spondias purpurea* Linn. (*Spondias myrabolanus* Jacq., *Spondias Mombin* Descourt.), da família das Anacardiáceas.

Árvore pequena, de tronco grosso e tortuoso, um tanto esparramada, com a casca branco-acinzentada e gretada. Folhas de 10/20cm de comprimento, compostas de 5-12 pares de folíolos oblongo-elípticos, pontuados ou arredondados nos vértices, inteiros ou ligeiramente serrados. Flores castanho-purpúreas em pequenas panículas dispostas ao longo dos ramos. Originária da América tropical, muito cultivada no México e na América Central” (Braga 6.1)

### A FRUTA

“Frutos isolados ou em cachos de 2-3, ovais ou oblongos, de 3-5 de comprimento, variando na cor entre o vermelho-vivo e o amarelo, com a casca lisa, fina, cobrindo uma polpa amarelada, sucosa, comumente açucarada, que reveste um caroço grande, branco e suberoso.

Fruto comestível ao natural, e sob a forma de geléia, compota e como refrigerante” (Braga 6.2)

### O NOME

A palavra *cirigüela* ( não esquecer o trema) provém do espanhol *cirgüela*, forma variante de *ciruela*. Vem esta do latim *cereola* (*cereolus*, a, um) = da cor da cera virgem, amarela, a ameixa. *Cereolus*, a, um é diminutivo de *cereus*, a, um. (Saraiva, 7.1).

Informa-nos Francisco J Santamaria:

CIRGÜELA - F. ant. Ciruela. La forma antigua pertenece, según Cuervo (§ 689) a la “monserga vulgar” de Bogotá y proviene de la “levísima as-

piración que lleva consigo el diptongo UE, así al principio como en media de dicción”. *Aquí retiene todavía el vulgo esa forma* (grifos nossos); más parece que la cosa es antigua y vino de España. *Nuestro vulgo usa, pues, de un arcaísmo vulgar*” (Grifos nossos, para demonstrar que a forma variante é usada vulgarmente no México) (Santamaria 8.1).

Observe-se a incerteza de Santamaria, sobre a procedência da variante *cirgüela*: “*parece* que la cosa es antigua y que vino de España”. Conseguimos elucidar essa dúvida. Esta forma é realmente antiga e proveio da Espanha. É o que nos assegura R. Menéndez Pidal:

“Usada la expresión *cereola* por Columela y por Plinio, para designar la “cerea pruna” de Virgilio, de color cera, prevaleció en el Centro de España para designar ese fruto de cualquier color: *ciruela* en Castilla, *cirgüela* en Murcia y Aragón, *cirola* en Galicia; pero quedó desconocido en el resto de la Romania.” (Pidal 9.1)

Como vemos, tem razão Santamaria em discordar de Cuervo no que toca à origem, no tempo e no espaço, da variante *cirgüela*. Não provém ela do linguajar bogotano. É forma corrente em Múrcia e Aragão.

No Novo Continente é usada na Colômbia, no México, em outros países da América Central e Insular. De lá nos veio a planta; com ela, a saborosa frutinha e o nome. Note-se que, na Espanha, tanto *cirgüela* como *ciruela* designam a ameixa. Na América é que os dois termos passaram a nomear a nossa *cirigüela*. Era costume dos portugueses e espanhóis dar a frutas e a animais das terras a que chegavam em suas navegações nomes de frutas e animais da sua terra, que com aqueles achavam parecidos:

“... & estas deviam ser as áves que os judeus chamavam pavões pela semelhança, assim como nós pomos às frutas da Índia os nomes das frutas da Europa, que de algum modo se parecem com elas.” (Sousa 10.1).

Mais de um fato lingüístico corrobora a opinião de Cuervo no tocante ao aparecimento da consoante velar sonora /g'/ (guê), na passagem de *ciruela* para *cirgüela*:

- 1º) Esta epêntese do /g'/ antes do ditongo crecente UE(/we/) não é caso virgem na fonética do castelhano. O latim *manuale* deu em espanhol *mangual*; *minuare* deu *minguar*. (11.1). Alteração fonética igual ocorreu em português, com as mesmas palavras. (Cunha 12.1).
- 2º) As palavras espanholas (e portuguesas) de origem germânica receberam o mesmo /g'/ antes dos ditongos crescentes UA, UE, UI (/wa/, /we/,

/wi/): *gualda*, do germânico *walda*; *gualardón*, de *widarlôn*; *güelfo*, de *Welf*; *guerra*, de *werra*; *guisa*, de *wisa* etc. (11.2). (Em português: *gualdo*, *galardão*, *güelfo* ou *guelfo*, *guerra*, *guisa*). (Cunha 12.2).

- 3º) Há em espanhol palavras que apresentam a letra “h” inicial antes dos mesmos ditongos crescentes, em desacordo com os respectivos étimos latinos que não o têm: *huebos* (lat. *opus*); *huebra* (lat. *opera*); *huerco* (lat. *orcu*); *huérfano* (lat. *orphanu*); *huero* (do grego *órioun*, com espírito brando); *hueso* (lat. *osso*), *huevo* (lat. *ovu*). (11.3).
- 4º) Fato idêntico deparamos no francês: *huile* (lat. *oleu*); *huis* (lat. *ostiu*); *huit* (lat. *octo*); *huitre* (lat. *ostrea*) etc. (Augé 13.1).

Só uma aspiração antiga explica esses fatos.

A história das línguas, principalmente a do indo-europeu na trajetória até as línguas modernas dele provenientes, mostra que a tendência da aspiração foi atenuar-se, geralmente até desaparecer. Haja vista o “h” aspirado francês, cujo único vestígio, hoje, é não admitir a elisão (*le haricot* e não *l'haricot*). A “levíssima aspiración”, de que fala Cuervo, pode ter sido, em período anterior, mais acentuada.

Tem precedente o aparecimento de uma consoante velar (que é a mesma gutural) (Jota e Dubois) (14.1), como resultado da aspiração. O pronome indefinido latino *nihil* mais de uma vez aparece escrito *nichil* – *lníkill* – no *Itinerarium Aetherae*. (15.1). Se é certo que o latim não tinha fonemas aspirados, o fato pode vir da língua-mãe, o itálico, que os tinha, com certeza. (Meillet e Vendryes) (16.1). Consta que os latinos não conseguiam executar a aspiração de palavras gregas por não estar ela nos seus hábitos fonéticos. (Câmara 17.1). Na escrita, porém, a registravam rigorosamente (h, ph, th, ch). Seja como for, aí estão, para confirmar a realidade do fato (*nihil* - *nichil*), os vocábulos portugueses *aniquilar* e *nicles*, ambos procedentes de *nihil*, pronunciado *lníkill*. (Machado 18.1).

Resta elucidar o aparecimento do segundo /i/, de *cirigüela* (espanhol) para *cirigüela* (português). Enquanto os brasileiros, em quase todo o País, pronunciamos o /r/, em final de sílaba, como construtivo velar surdo (ex. *barco*), e no fim de palavra, quase o omitimos (ex. *mar*), em espanhol é ele proferido com toda a carga de vibrame alveolar sonora, quase /ri/.

Provavelmente, isto fez com que os ouvintes brasileiros percebessem *cirigüela* como *cirigüela*, com o acréscimo do /i/ depois do /r/.

## CONCLUSÃO

1. A *Spondia purpurea* Linn., da família das Anacardiáceas, provém dos países da América Central e Insular.
2. De lá veio para o Brasil o arbusto referido.
3. Em vários daqueles países é ele e seu fruto denominado *cirgüela*, forma variante de *ciruela*.
4. No Brasil, tem o nome de *cirigüela*.
5. Há fatos linguísticos que explicam de sobejo as pequenas alterações verificadas.

Não pode haver dúvida de que a palavra espanhola *cirgüela* é o étimo da portuguesa *cirigüela*, a qual assim deve ser escrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS LOCALIZAÇÃO DAS CITAÇÕES

1. Oliveira, Cândido de - *Dicionário Mor da Língua Portuguesa* - Livromor Editora Ltda São Paulo, s/d. 1. Verbetes indicados.
2. Prado e Silva, Adalberto (organização geral) - *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* - 6. ed. - Melhoramentos ed. São Paulo, 1970. 1. Verbetes indicados.
3. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa* - Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Fortaleza, 1981. 1. p. 55.
4. Publicado na revista *Aspectos*, nº 14 - Secretaria de Cultura do Estado do Ceará - Fortaleza, 1978. 1. p. 38.
5. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* - Academia Brasileira de Letras - Block Editores S.A - Rio de Janeiro, 1981. 1. Verb. indicado.
6. Braga, Renato - *Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará* - 2. ed.- Imprensa Oficial Fortaleza, 1960. 1. p. 198, 2.p. 199.
7. Saraiva, F. R. dos Santos - *Novíssimo Dicionário Latino-Português* - 7. ed. - H. Garnier Rio - Paris, s/d. 1. Verb. indicado.
8. Santamaria, Francisco J. - *Diccionario de Mexicanismos* - 1 ed. - Porrúa S.A. - Mexico, 1959. 1. p. 246.

9. Pidal, R. Menéndez - *Orígenes del Español* - 7ª edición - Espasa Calpe S.A. - Madrid, 1972. 1. p. 393 (§ 83).
10. Sousa, Pe. Francisco de - *Oriente Conquistado a Jesus Cristo* - Lello & Irmão - Porto, 1978. 1. p. 712. (A 1ª ed. é de 1710).
11. Diccionario de la Lengua Española - *Real Academia Espanhola* - 18ª edición - Madrid, 1956. 1. Verbs. indicis. 2. Verbs. indicis. 3. Verbs. indicis.
12. Cunha, Antônio Geraldo da - *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* - 1ª ed. - Nova Fronteira - Rio, 1982. 1. Verbs. indicis. 2. Verbs indicis.
13. Augé, Paul - Larousse - Librairie Larousse - Paris, s/d - Tome Troisième.
14. Jota, Zélio dos Santos - *Dicionário de Lingüística* - ed. Presença - Rio, 1976;
15. Dubois, Jean e outros - *Dic. de Lingüística* - Ed. Cultrix Ltda - São Paulo, 1978. 1. Verb. "Gutural". em ambos.
16. *Itinerarium (ou Peregrinatio) Actheriae*. Utilizamos o *Journal de Voyage*, introduction de Hélène Pétrè - Les Editions do Cert. - Paris, 1948. 1. ps. 127 e 143. (8.2 e 12.6).
17. Meillet, A. - Vendryes, J. - *Grammaire Comparée des Langues Classiques* - 4ª ed. Librairie Ancienne Honoré Champion - Paris, 1966. 1. ps. 56 e 71 (§ 78 e § 100).
18. Câmara Jr., J. Mattoso - *Princípios de Lingüística Geral* - 4 ed. - Livraria Acadêmica - Rio, 1969 1. p. 58, nota 4 (rodapé).
19. Machado, J. P. - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* - 2ª ed. - Editorial Confluência - Lisboa e São Paulo, 1967. 1. Verbs . respectivos.

\*\*\*